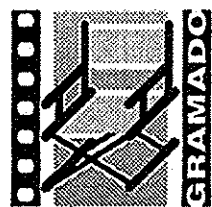


# Piquenique em Gramado

Divulgação

**Público do festival  
 prefere coquetel a  
 sessões de cinema**

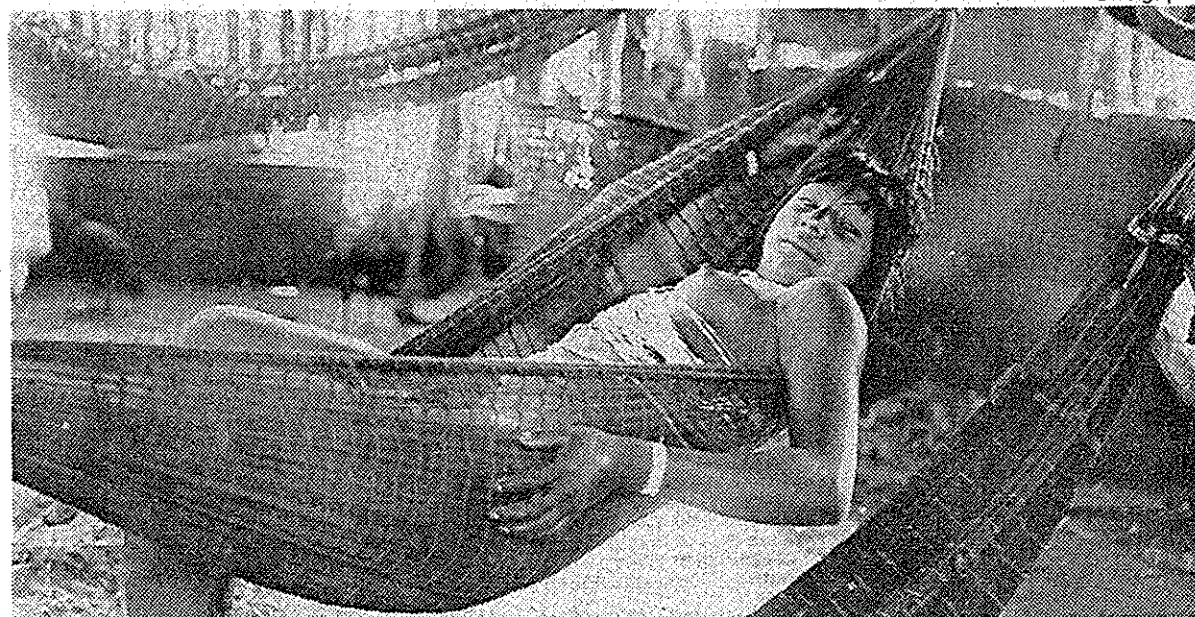
HUGO SUKMAN



**GRAMADO (RS)**—  
 A cerimônia de abertura do 23º Festival de Gramado — Cinema

Latino, sábado à noite, no Palácio do Festival, na Serra Gaúcha, só não foi um total programa de índio por causa do documentário de Sylvio Back, *Yndio do Brasil*, um dos três representantes brasileiros na competição (*leia crítica*). Apesar da força do discurso de Back, seu filme registrou uma das maiores debandadas da história do festival. Não houve vaias nem aplausos, apenas indiferença de um público mais interessado no *rega-bofe* do Hotel Serrano. O outro filme, o argentino *A nave dos loucos*, de Ricardo Wullicher, também apostou na temática indígena. O resultado, contudo, é bisonho. A produção caprichada não segura o drama de tribunal proposto pelo diretor, que o trata de forma maniqueísta.

O melhor da noite não esteve nos filmes, mas nas promessas. O governador do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, anunciou um programa de financiamento ao curta-metragem gaúcho (um dos melhores pólos do país), pelos próximos quatro anos. Já o ministro da Cultura, Francisco Weffort, ficou na retórica. "Este festival marca o esforço pelo renascimento do cinema brasileiro", disse. As duas autoridades estavam presentes para entregar o Kikito especial para a atriz italiana Gina Lollobrigida, musa do cinema europeu da década de 60 e que, aos 67 anos, é a homenageada deste ano. "Fico feliz em receber um prêmio em Gramado, uma cidade tão italiana", agradeceu.



*Cena de Yndio do Brasil, produção que revela uso ideológico da temática indígena pelo cinema*

**CRÍTICA CINEMA** 'Yndio do Brasil' ★★★

## O mais bem-sucedido filme de Sylvio Back

Numa cinematografia onde poucos conseguem realizar uma obra plena, o cineasta Sylvio Back é uma exceção. Quase na encolha, e com filmes que não têm grande apelo popular, o diretor catariense vem compondo uma obra em que tem como objetivo claro questionar versões da História do Brasil e provar que, por trás dessas versões, há sempre versionistas, alguém que vê os fatos de uma maneira pessoal.

Foi assim nos documentários *Revolução de 30* (1980), *Guerra do Brasil* (1987, sobre a Guerra do Paraguai) ou *Rádio Auriverde* (1991, sobre a participação da FEB na 2ª Guerra). E é assim em *Yndio do Brasil*, filme onde procura desnudar a imagem dos índios brasileiros através das imagens registradas pelo cinema durante todo o século 20.

*Yndio do Brasil* é o filme mais bem-sucedido de Sylvio Back, desde *Revolução de 30*. Trata-se de uma colagem de imagens (documentais, ficcionais ou de propaganda) e sons (músicas e textos),

que tem como objetivo, segundo o próprio diretor, *desideologizar* a visão que se tem dos índios.

Back não filmou uma cena sequer: todas as imagens são fruto de pesquisa, e a autoridade do diretor se faz presente através da montagem e da edição de som, que procuram sempre revelar o que (e quem) está por trás dos discursos apresentados. O único senão fica por conta de poemas do próprio Back, dramatizados por José Mayer, frisando momentos do filme de maneira completamente dispensável.

O assunto de *Yndio do Brasil* não é a questão indígena, mas o próprio cinema, e como esta forma de registro manipula uma possível imagem real. Neste sentido, o filme é digno representante de uma espécie de *cinema de investigação*, que tem a auto-referência como objetivo. A marca desta investigação documental é a violência.

Back consegue provar que, descontextualizadas ou não, as

imagens captadas pelo cinema sempre violentaram, ideologicamente, uma utópica verdade dos fatos. E Back, iconoclasta, não poupa ninguém: tanto Rondon, que tinha como objetivo *civilizar* os índios, quanto os governos militares (representados em impressionantes filmes de propaganda) e os cineastas pró-índios (como Nelson Pereira dos Santos em *Como era gostoso o meu francês*) tinham uma ideologia diferente por trás das imagens que faziam dos índios. Mal ou bem intencionados, Back não chega a questionar isso, o fato é que todos apresentaram versões do fato e os índios são, no caso, mero objeto.

Assim como os nazistas filmaram passo a passo o holocausto dos judeus, os *civilizados* registraram o relativo desaparecimento dos índios do Brasil. É sobre este rico acervo que se debruça o novo filme de Sylvio Back, um diretor moderno porque não pára de questionar sua forma de expressão. (H.S.)